

# Editorial

## Tributo à professora Lourdes Maria Bandeira

Maria Francisca Pinheiro Coelho  
Tânia Mara Campos de Almeida\*

\* Maria Francisca Pinheiro Coelho e Tânia Mara Campos de Almeida são professoras do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

A *Revista Sociedade e Estado* faz uma referência à colega Lourdes Maria Bandeira, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, que nos deixou no dia 12 de setembro de 2021. Lourdes Bandeira foi professora da UnB desde 1991 e editora deste conceituado periódico por mais de uma década. Como em um presságio, os artigos do presente número destacam sobremaneira seu tema de estudo – o feminismo e a questão de gênero – sobre o qual a professora deixou um livro póstumo, resultado da pesquisa de seu último pós-doutorado, em Portugal (2018-2019).

Seu livro, que será publicado pela Editora da UnB, aborda primordialmente o crime qualificado de feminicídio, por ser a vítima uma mulher, matéria sobre a qual a professora se debruçou por vários anos, em especial quando atuou como Secretária de Planejamento e Gestão de 2008 a 2011 e como Secretária Adjunta de 2012 a 2015 da Secretaria de Políticas Públicas das Mulheres (SPM), vinculada à Presidência da República. Lourdes Bandeira é considerada grande contribuidora à implantação da Lei do Feminicídio (13.104/2015), pela qual o país obteve significativo reconhecimento internacional e tem podido ampliar a proteção a uma vida sem violências às brasileiras. Professora titular do Departamento de Sociologia, desde 2005, tinha recém se aposentado, em outubro de 2020. Receberia, em breve, o título de Professora Emérita, a ser conferido postumamente.

Este número da revista contém dez artigos, uma entrevista inédita com a socióloga americana Patrícia Hill Collins, sobre o feminismo negro, e três resenhas, uma delas sobre o livro mais famoso de Patrícia Collins, *Black feminist thought*, recém-lançado no Brasil (Boitempo, 2019). Como mencionado, o principal tema do presente número é o feminismo, entrelaçado, em grande parte, com a pandemia do Covid-19.

O artigo “Crise dentro da crise: a pandemia da violência de gênero”, de Renata Barreto Malta, Tatiana Güenaga Aneas, Aline Lisboa e Iasmin de Araujo Vieira, analisa

como textos informativos publicados em sites brasileiros apresentam a violência de gênero no contexto da pandemia e como o isolamento social e suas consequências políticas e econômicas ampliam o processo de ameaça aos direitos das mulheres. Nesse contexto, o lar não se mostra como ambiente seguro para mulheres em confinamento.

O texto “O movimento de mães contra a violência policial nas periferias brasileiras”, de Debora Françolin Quintela, analisa o ativismo político de mães de vítimas da letalidade da ação policial nas periferias brasileiras. Mães que se inserem na ação coletiva motivadas pela dor da perda. Destaca a relevância do emotivo na formação da consciência social e tem como foco as emoções marcadas pela condição da maternidade e da vulnerabilidade, como motivação à inserção nos estudos dos movimentos sociais.

“Os impactos da pandemia de Covid-19 para as mulheres imigrantes no Brasil: mobilidade e mercado de trabalho”, de Tania Maria Passarelli Tonhati e Marília Macedo, tem como objetivo apresentar os impactos desta pandemia nos fluxos migratórios de mulheres imigrantes para e no Brasil. A análise é feita de forma comparativa, no período de janeiro a setembro de 2020 e 2019, com base em dados da Polícia Federal e do Ministério da Economia. Os números revelaram que a pandemia contribuiu para manter e acirrar os eixos de desigualdades (gênero, classe, grupo-étnico-racial e origem) no acesso das mulheres imigrantes a recursos.

O artigo “Los docentes universitarios frente al cambio a la educación virtual impuesta por el coronavirus”, de Santiago Tejedor, Laura Cervi, Fernanda Tusa e Alberto Parola, faz uma comparação, examinando o impacto do estudo virtual, devido à pandemia, em universidades de três países, Espanha, Itália e Equador. Os resultados constata as dificuldades desse recurso diante das competências digitais exigidas e a ausência de pensamento crítico reflexivo e dialógico entre docentes e estudantes.

“O teletrabalho na pandemia da Covid-19: uma nova armadilha do capital?”, de Bruno Durães, Maria Aparecida da Cruz Bridi e Renata Queiroz Dutra, adota uma abordagem crítica sobre o teletrabalho na pandemia, com foco nas vantagens do capital. Objetiva discutir o fenômeno do teletrabalho, impulsionado em razão do contexto da pandemia do Covid-19, destacando os interesses dos ganhos empresariais, nesse novo contexto, na exploração do trabalho humano. Esses interesses visariam ocultar os riscos, em função das possibilidades de aumentar os ganhos nesse processo.

Também no processo de mudanças provocadas pelo novo vírus e de suas transformações nas relações sociais, “Deglobalize Covid-19: the pandemic from an off-center perspective”, de Nicol, A. Barrio-Asenyo, Slavoy Zizek *et alii*, traz as seguintes contribuições: como a maior parte do enfoque do Covid vem da Organização Mundial da Saúde e do Continente Europeu, propõe descentralizar esse olhar para as realidades periféricas de modo a compreender suas diversidades. Não se trata de mudar o tratamento, mas de olhar retrospectivo que reflita a ampla diversidade do problema. Argumenta que, ao investigar o impacto da Covid, pesquisas realizadas em várias áreas do globo propõem um panorama que mostra a vasta complexidade do fenômeno. Desglobalizar o Covid seria um convite para pensar o problema a partir de outro(s) lugar(res).

O artigo “Migrações de regresso a Portugal: uma história sem fim”, de Filipa Pinho, José Carlos Marques e Pedro Góis, tem como foco o movimento de partida e retorno à Portugal numa perspectiva histórica, com base na literatura científica de maioria portuguesa, produzida desde os anos 1980. De acordo com os trabalhos disponíveis, foi reconstituído o padrão dos regressos por meio do volume contabilizado nos censos (ou de outras formas), conhecidos perfis de regressados e avaliados impactos dos regressos no desenvolvimento das regiões de origem. Um dos achados da pesquisa é o de que a quase totalidade dos regressados se dirige para a mesma região de onde havia saído.

“Políticas migratórias y cooperación regional en el Cono Sur: gestión institucional de la migración Venezolana en Argentina, Chile y Bolivia”, de Nicolás Gissi, Roberto Aruj e Sebastián Polo, tem como propósito analisar o êxodo de pessoas da Venezuela, a crise migratória e humanitária mais relevante da América Latina nos últimos cinco anos, e a gestão institucional dessa migração na Argentina, no Chile e na Bolívia. A migração venezuelana tornou-se prioridade na América do Sul, que requer políticas específicas, exigindo coordenação e colaboração regional, dada à crise da saúde causada pela epidemia do Covid-19, gerando o fechamento das fronteiras nacionais.

“‘Falta de fechamento’: profissionais e seus conflitos no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro”, de Juliana Vinuto, Joana Domingues Vargas e Hebe Signorine Gonçalves, analisa a centralidade dada aos procedimentos de segurança na ação socioeducativa de internação, na medida em que as atividades socioeducativas só são implementadas quando não conflitam com os objetivos de controle e disciplina ou em ocasiões em que a instituição tenta auferir lucro simbólico a partir da sua perspectiva.

Com enfoque distinto dos demais artigos e com visão crítica de obras clássicas sobre o Brasil, “Interpretações do Brasil e a temporalidade moderna: do sentimento de descompasso à crítica epistemológica”, de Sergio Barreira de Faria Tavoro, elabora leitura crítica de retratos da sociedade brasileira esboçados em obras clássicas do pensamento social brasileiro, pontuando e sugerindo incongruências, assimetrias e tensões que atravessam a temporalidade moderna. Pretende refletir sobre o alcance heurístico dessas ideias e suas contribuições ao debate sociológico contemporâneo.

Destacam-se também entre as participações deste número, ainda sobre a problemática de gênero, a referida entrevista com Patrícia Hill Collins e três resenhas, uma delas sobre seu livro, *Black feminist thought*, traduzido para o português.

A entrevista “O feminismo negro de Patrícia Hill Collins: uma conversa sobre conhecimento, poder e resistência” foi realizada por Bruna Cristina Jaqueto Pereira e Joaze Bernardino Costa. Ao procurar pensar sua condição de mulher negra estadunidense em um contexto social de racismo estrutural e sistêmico, Collins formula relevantes contribuições aos estudos sobre discriminação, preconceito de cor e luta das mulheres. Elaboro teoricamente como as imagens de controle estão interconectadas e fornecem uma janela para se observar as relações de poder interseccionais. Suas análises sobre raça, classe, gênero, sexualidade, idade, habilidade e cidadania visam conformar as relações hierárquicas de poder entre múltiplos grupos sociais. Segundo a socióloga, “Combinar a visão de mundo de meus pais com meu treinamento sociológico me preparou para entrar, persistir e me destacar em ambientes frequentemente hostis”. Menciona que “[...] alguém tem que ser a primeira da fila, com a esperança de que outras a sigam”. Ressalvadas as diferenças entre o racismo nos Estados Unidos e no Brasil, a entrevista traz também reflexões sobre o feminismo negro no Brasil.

Como referido, há três resenhas neste número. Uma delas é “A produção intelectual de mulheres negras como teoria social crítica” e a autora é Bruna Cristina Jaqueto Pereira, uma das entrevistadoras de Patrícia Collins, sobre o seu livro com tradução ao português, *O pensamento feminista negro*. A segunda resenha, “Assim como nasce um bebê, nasce uma mãe? Para além da depressão pós-parto”, do livro de Lorena Cronenberg e Monica Franch. Ser mãe é padecer no paraíso? As narrativas de depressão pós-parto são assinadas por Rosamaria Carneiro. A terceira resenha, “Tântalo da vontade, plebeu aventureiro: a *Cultura filosófica* de Simmel”, de Vinícius Madureira Maia, trata do livro de Georg Simmel: *Cultura filosófica*.

Finalizaremos como iniciamos, com um tributo à Lourdes Maria Bandeira. À professora, nossa *femenagem*, neologismo que tem substituído criticamente a palavra homenagem (a qual surgiu em atos de valorização patriarcal do senhor feudal na Idade Média), ao seu legado como mulher, feminista, destacada acadêmica e atuante por consolidar *Sociedade e Estado* como importante patrimônio das ciências sociais, em particular da sociologia, no país. Pelo sentido que deu à sua reflexão e práxis em luta constante pelas mulheres e pela ciência, nossa eterna gratidão.